

A insuperável dialética do devir-humano: notas sobre as categorias alienação e reificação na obra madura de György Lukács.

César Maranhão¹

RESUMO

Este breve texto tem como objetivo apresentar de forma didática e objetiva as principais contribuições teóricas de György Lukács sobre os múltiplos determinantes dos processos de alienação (Entfremdung) na última grande obra teórica do autor: Para uma Ontologia do Ser Social. Para isso, realizamos uma análise imanente do texto de Lukács, comparando-o com as notas críticas de pesquisadores experientes como Nicolas Tertulian, Sérgio Lessa e Norma Alcântara. O principal objetivo do artigo é delinear claramente a análise do marxista húngaro sobre a gênese e estrutura dos fenômenos de alienação, que correspondem às barreiras geradas pelos próprios homens em relação à plena explicitação do gênero humano e dos indivíduos singulares. Para alcançar esse objetivo, mostramos como a gênese das diversas formas de alienação não está diretamente ligada ao ato do trabalho, mas sim ao complexo processo de construção e disseminação de valores no interior da reprodução social. No artigo, seguimos os passos de Lukács ao analisar primeiro o nascimento dos fenômenos de alienação através da relação contraditória entre sociabilidade e individuação, e depois focamos na relação entre a vida cotidiana e as expressões históricas dos processos de alienação. Somente então abordaremos as categorias de "reificação ingênua" e "reificação alienante" e a construção histórica, após a Segunda Guerra Mundial, de um conjunto de determinações que impulsionaram os fenômenos de reificação na sociedade capitalista contemporânea, levando Lukács a chamá-la de "sociedade de manipulação".

Palavras-chave: Trabalho, Reprodução Social, Alienação e Reificação

The insuperable dialectic of human becoming: notes on the categories of alienation and reification in the mature work of György Lukács.

ABSTRACT

This brief text aims to present György Lukács main theoretical contributions regarding the multiple determinations of alienation processes (Entfremdung) in his final significant theoretical work: Towards an Ontology of Social Being. To achieve this, we conduct an immanent analysis of Lukács' text, comparing it with the critical notes from experienced researchers such as Nicolas Tertulian, Sérgio Lessa, and Norma Alcântara. The primary objective of this article is to clearly outline the Hungarian Marxist's analysis of the genesis and structure of alienation phenomena, which correspond to the barriers created by individuals themselves, hindering the complete realization of human potential and the development of singular individuals. In order to accomplish this goal, we demonstrate how the genesis of various forms of alienation is not directly linked to the act of labour, but rather to the intricate process of constructing and disseminating

¹ Professor Associado 2 da Escola de Serviço Social da UFRJ

values within social reproduction. Within the article, we follow Lukács steps by first analyzing the birth of alienation phenomena through the contradictory relationship between sociability and individuation, and then focusing on the connection between everyday life and the historical expressions of alienation processes. Only then do we delve into the categories of "naive reification" and "alienating reification," as well as the historical construction, after the Second World War, of a set of determinations that propelled the phenomena of reification in contemporary capitalist society, leading Lukács to term it the "society of manipulation."

Keywords: Labour, Social Reproduction, Alienation and Reification

Entre os pensadores atuais György Lukács é referência indispensável para a reafirmação da atualidade do marxismo e sua renovação. Sua obra de maturidade *Para uma Ontologia do Ser Social* representa o ponto culminante de uma vida dedicada a enfrentar os problemas fundamentais para um resgate rico e fecundo da teoria social de Marx. Caminho este que nunca deixou de representar também idas e vindas, afirmações e negações, críticas e auto-críticas em um dedicado e intenso trabalho intelectual. Nossa contribuição nesse breve texto limita-se a apresentar de forma geral e introdutória as principais elaborações teóricas do marxista húngaro sobre os processos de alienação (*Entfremdung*) na última grande obra teórica do autor. Para perseguir este objetivo, realizamos uma análise do texto lukacsiano cotejando-o com os apontamentos críticos de pesquisadores experientes como Nicolas Tertulian, Sérgio Lessa e Norma Alcântara. Vale ressaltar que a complexidade do último capítulo escrito da obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, somado ao seu caráter inacabado e pouco sistemático transformam o objetivo do artigo em um empreendimento difícil e arriscado que não está isento de imprecisões. Sendo assim, fica a advertência ao leitor que o texto que tem em mãos limita-se a uma aproximação teórica que possui o intento de divulgação das últimas análises teóricas de Lukács sobre o fenômeno da alienação.

1. Para início de conversa

Na sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social* Lukács inicia o capítulo final sobre a Alienação (*Entfremdung*) demonstrando os traços ontológicos gerais dessa categoria teórica sempre entendida enquanto forma de ser, determinação da existência concreta. Ao desenvolver sua análise sobre esse complexo social Lukács pretende superar tanto as análises do *marxismo vulgar* que compreendeu as alienações como simples derivações

mecânicas da esfera econômica; como também as posturas idealistas e gnosiológicas que entendem tais fenômenos como pertencentes à esfera exclusiva da subjetividade e do conhecimento humano. Por isso, a primeira preocupação que devemos ter é delinear com clareza o lugar dos fenômenos da alienação no complexo de complexos que constitui o ser social no seu devir histórico-concreto.

Lukács adverte que o fenômeno da alienação e os vários processos de desumanidade que gera só podem ser entendidos concretamente se levarmos em consideração que a sua constituição não tem nada a ver com uma condição humana em geral e tanto menos possui uma universalidade cósmica. Pelo contrário, trata-se de

[...] um fenômeno exclusivamente histórico-social, que emerge em determinados níveis do desenvolvimento existente, tomando desde então formas historicamente sempre diferentes, sempre mais incisivas. Sua qualidade, portanto, nada tem a ver com uma condition humaine geral, muito menos que ela possuiria uma generalidade cósmica” (LUKÁCS, 2018, pag. 501).

Nessa citação, o autor já se distancia de qualquer compreensão teórica que, como Hegel, intente universalizar o problema da alienação como parte constituinte e constituidora da condição humana retirando-lhe o vínculo ontológico com o desenvolvimento histórico-concreto.

Na sua alternativa de análise as alienações são historicamente determinadas por diferentes formações sociais e correspondem às barreiras geradas pelos próprios homens à plena explicitação do gênero humano e dos indivíduos singulares. Nas suas palavras o filósofo húngaro resume assim o fenômeno:

[...] o desenvolvimento das forças produtivas é ao mesmo tempo, de modo necessário, o das capacidades humanas. Todavia — e aqui o problema da alienação adentra plasticamente à luz do dia — o desenvolvimento das capacidades humanas deve, não necessariamente, levar a um desenvolvimento da personalidade humana. Ao contrário: precisamente por esse desdobramento ascendente das capacidades singulares ele pode distorcer, degradar a personalidade humana. (LUKÁCS, 2018, pag. 504).

Dessa forma, o desenvolvimento das forças produtivas impulsionado pelo trabalho ao desenvolver continuamente as capacidades humanas não produz na mesma medida e intensidade o desenvolvimento das personalidades humanas. Pelo contrário, a história concreta nos mostra que ao potencializar as capacidades singulares o desenvolvimento das forças produtivas pode desfigurar, aviltar a personalidade dos homens gerando o

campo propício para o desenvolvimento das alienações. Lukács sublinha que de certa forma o próprio Marx, nas *Teorias sobre a mais-valia*, por ocasião de uma defesa de David Ricardo contra os anti-capitalistas românticos como Sismondi chamou a atenção para esse movimento contraditório da história humana.

[...] a produção pela produção significa apenas desenvolvimento das forças produtivas humanas, ou seja, o desenvolvimento da riqueza da natureza humana como fim em si. [...] deixa-se de compreender que esse desenvolvimento das aptidões da espécie humana, embora se faça de início às custas da maioria dos indivíduos e de classes inteiras, por fim rompe esse antagonismo e coincide com o desenvolvimento do indivíduo isolado; que assim o desenvolvimento mais alto da individualidade só se conquista por meio de um processo histórico em que os indivíduos são sacrificados” (MARX apud LUKÁCS, 2018, pag. 503).

O que importa sublinhar aqui é que na esteira da análise lukacsiana sobre os fenômenos da alienação encontramos a antítese de fundo entre o desenvolvimento das capacidades produtivas (sociabilidade) e o desenvolvimento das personalidades humanas (individação)² como base fundamental para analisarmos os vários formatos em que o fenômeno da alienação se apresenta na história. Como ressalta Alcântara (2014) entre o desenvolvimento das forças produtivas e a construção de barreiras para o pleno desenvolvimento das personalidades dos homens se expressa a essência histórico-concreta das alienações. Não faltam exemplos históricos que confirmam a tese de Lukács, basta pensar nas diversas especialidades das atuais formas de gestão do trabalho, cujas refinadas técnicas e cultivadas habilidades de especialista são ao máximo grau destrutivas para a personalidade desses trabalhadores altamente especializados. Marx em *O Capital* mostra que mesmo Adam Smith, um entusiasta da capacidade produtiva da manufatura, reconheceu esse caráter contraditório do desenvolvimento econômico sobre as personalidades individuais ao afirmar que:

A mente da grande maioria dos homens desenvolve-se necessariamente a partir e por meio de suas ocupações diárias. Um homem que consome toda a sua vida na execução de umas poucas operações simples [...] não tem nenhuma oportunidade em exercitar sua inteligência. [...] Ele se torna, em geral, tão estúpido e ignorante

² Sobre a relação entre sociabilidade e individação em Lukács ver COSTA, Gilmaísa. *Indivíduo e Sociedade: sobre a teoria da personalidade em Georg Lukács*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

quanto é possível a uma criatura humana. (SMITH Apud MARX, 2013, pag. 436).³

Mas para entendermos a gênese dessa contradição histórica entre desenvolvimento das capacidades humanas e desenvolvimento das personalidades torna-se absolutamente necessário nos ocuparmos primeiro dos fundamentos ontológicos últimos que geram tal contradição expressando os fenômenos das alienações no dinâmico processo de reprodução social. Como o próprio autor ressalta a totalidade social e sua reprodução é a síntese de atos singulares que tem seu fundamento último no trabalho e na sua contínua relação entre teleologia e causalidade. Dessa forma, antes de adentrarmos na análise específica dos fenômenos da alienação descritos por Lukács no último capítulo de sua Ontologia torna-se essencial expormos a relação fundada pelos atos de trabalho entre objetivação, exteriorização (*Entäußerung*), complexos valorativos e alienação (*Entfremdung*) para só depois tratarmos, ainda que de forma aproximativa, as complicadas relações entre os fenômenos da alienação, os complexos ideológicos e a totalidade sócio-histórica da sociedade capitalista contemporânea.

2. O trabalho e o contraditório processo de sociabilidade e individuação

No primeiro capítulo da segunda parte de *Para uma Ontologia do Ser Social*, ao teorizar sobre o ato de trabalho Lukács faz uma diferenciação analítica entre objetivação (*die Vergegenständlichung*) e exteriorização (*Entäußerung*) que não encontramos, pelo menos claramente no plano terminológico, nas análises de Marx.⁴ Sublinhamos que a diferença indicada por Lukács é sobretudo analítica, pois no ato de trabalho ambos os momentos são inseparáveis. Cada movimento e cada reflexão do trabalho são dirigidos, em primeiro lugar, a uma objetivação, ou seja, a uma transformação teleologicamente adequada do objeto do trabalho. Desse mesmo ato de trabalho no qual o pôr teleológico se objetiva criando causalidades postas surge uma novidade ontológica: nesse mesmo

³ Tal era a consequência degenerativa do desenvolvimento da capacidade econômica da manufatura sobre a personalidade individual dos trabalhadores que Smith chegou a parcialmente negar suas concepções liberais e a recomendar o ensino popular pelo Estado, ainda que em doses homeopáticas.

⁴ Apesar de não utilizar de dois momentos distintos para analisar o ato de trabalho, como fez Lukács, Marx descreveu com precisão esta duplicidade de facetas do trabalho, fixando a existência das duas facetas nos atos de trabalho que são contudo unitários.

processo de objetivação acontece uma ação de retorno do ente objetivado sobre seu criador. É precisamente essa ação de retorno do ser objetivado sobre o seu criador que Lukács denominou exteriorização (*Entäusserung*).

Apesar de no ato de trabalho ser impossível separar os dois momentos (objetivação/exteriorização), na análise de Lukács tal diferenciação se mostra de grande importância. Principalmente pelo fato de que os mesmos atos do trabalho podem e, aliás, sob o domínio de um determinado modo de trabalhar, devem provocar sob o próprio sujeito ações de retorno socialmente divergentes. E é exatamente daí que vem a outra diferença dos dois momentos (objetivação e exteriorização) apontadas na análise do filósofo húngaro. Diz Lukács:

Enquanto a objetivação é claramente estipulada imperativamente pela respectiva divisão de trabalho e ela, por isso, necessariamente desenvolve as necessárias capacidades nos seres humanos (que isso, naturalmente, apenas se referir a uma média economicamente condicionada, que esse domínio jamais extingue completamente, nesse sentido, as diferenças individuais, nada altera na essência da coisa), a retroação da exteriorização sobre o sujeito do trabalho é, por princípio, divergente. (LUKÁCS, 2018, pag. 506).

Dessa maneira, nosso autor deixa claro que dependendo da totalidade social sob a qual são construídas, as exteriorizações (*Entäusserung*) podem impulsionar nos indivíduos formas de comportamento completamente diferentes e até mesmo contrapostas. Como podemos perceber enquanto as objetivações produzem uma média social que constrói mais ou menos capacidades humanas, do ponto de vista da exteriorização dependendo das tendências sociais gerais podem haver modos de comportamento individuais diferenciados. A ação de retorno produzida pela exteriorização é sempre diversificada.

O exemplo que Lukács oferece para demonstrar a forma diversificada de atuar das exteriorizações é a história da constituição do proletariado enquanto classe-para-si. A própria resistência do proletariado contra o capital nunca envolveu toda a classe. O conjunto heterogêneo de alternativas individuais no interior do proletariado reúne desde heróis dedicados às lutas de classes, passando por aqueles que se submetem calados a exploração cotidiana e até mesmo os fura-graves e dedos-duros mais submissos aos patrões. Um conjunto tão heterogêneo de escolhas individuais que pode ser até representada em termos estatísticos, mas se torna impossível calcular uma média real.

Dessa forma, temos no interior da classe proletária uma soma e um reagrupamento sociais de pessoas que pelo mesmo modo de exteriorizar-se individualmente no trabalho reagem no plano individual de maneira muito diversa e frequentemente oposta. Sublinha Lukács, que

[...] Quando Marx fala certa vez que é sempre um acaso quem está, em um determinado momento, na liderança do movimento dos trabalhadores, por um lado se referia não apenas à liderança no sentido literal, mas, antes, a cada grupo ou grupúsculo e, por outro lado, é uma expressão de como cada trabalhador individual reage, de como suas exteriorizações têm um efeito em sua personalidade. As decisões alternativas que disso surgem são imediatas e antes de tudo individuais. (LUKÁCS, 2018, pag. 507)

Nesse sentido, as exteriorizações são momentos nos quais a ação de retorno da objetivação sobre o sujeito impulsiona um processo de enriquecimento do indivíduo, chamado por Lukács de individuação. Segundo Sérgio Lessa (2012) essa dinâmica já está presente nos processos mais simples de trabalho e se caracteriza pelo fato de ao constituir o objeto enquanto ontologicamente distinto do sujeito, a objetivação e o produto dela resultante exibem uma autonomia diante do sujeito agente, essa autonomia relativa de um objeto exterior ao indivíduo é o fundamento último das diversificadas ações de retorno da objetivação sobre os indivíduos.

No avançar de sua investigação sobre os processos de reprodução social Lukács assinala que com o desenvolvimento da sociabilidade para um maior ou menor sucesso do processo de objetivação se torna cada vez mais decisivo o comportamento do sujeito para consigo próprio enquanto sujeito do processo de trabalho. Dessa maneira, para ser bem-sucedido o processo de trabalho exige ser fundamentado em uma extrema objetividade, e por isso, a subjetividade de quem trabalha deve se mover a serviço da produção. Segundo Lessa (2012) tal relação é bastante visível nos processos de trabalho mais simples que exigem maior ou menor coordenação motora, capacidade de concentração, raciocínio, criatividade, observação, etc., elementos da individualidade que se apresentam como fundamentais para o sucesso de um dado trabalho.

O autodomínio do ser humano que, de modo necessário, emerge por primeiro como efeito do dever no trabalho, o crescente domínio de sua visão sobre as próprias inclinações biológicas espontâneas etc., torna-se regulada e dirigida através da objetividade desse processo, este é fundado, todavia, por sua essência, na existência natural dos objetos, dos meios etc. do trabalho. (LUKÁCS, 2018, pág. 66)

As observações acima mostram em que medida para Lukács (2018) a exteriorização é uma consequência espontânea e inevitável que se funda no processo de trabalho. Ao fazer com que determinados comportamentos individuais sejam mais adequados que outros ao sucesso da objetivação (“sob pena de ruína”) é inerente ao trabalho a gênese e o desenvolvimento de um complexo valorativo que tem como centro o comportamento do indivíduo. Inicialmente, tais comportamentos são exigidos levando em consideração a natureza que os cerca, mas pelo impulso irresistível do trabalho a gerar complexos para além de si próprio, passa a desenvolver complexos valorativos que têm como núcleo o comportamento do indivíduo diante dos dilemas, problemas, alternativas e possibilidades que a sociedade em que vive coloca a cada momento histórico. (LESSA, 2012).

É nesse processo que para Lukács (2018) a exteriorização (*Entäusserung*) é um momento ineliminável e decisivo para o devir dos homens impulsionando à constituição de um ser social crescentemente genérico. Mas a tensão apontada pelo nosso filósofo e que deve ser aqui sublinhada radica em que o mesmo movimento histórico-concreto que constrói um ser social cada vez mais genérico para que se amplie e desenvolva exige o desenvolvimento de personalidades cada vez mais ricas, mediadas e complexas. Por isso, as mediações que permitem, por um lado, o impulso à generalidade humana inerente ao próprio trabalho, por outro lado, se constituem também no fundamento ontológico último do processo de individuação. Definitivamente o indivíduo humano para Lukács apenas pode ter existência real enquanto ente social. Ou seja, não há indivíduo possível fora da sociedade.

Das afirmações acima podemos concluir que todo ato social, além de ser uma síntese dos atos singulares, é também uma unidade sintética de elementos genéricos e particulares. Na imediatez do cotidiano tais elementos genéricos e particulares estão de tal forma imbricados que frequentemente exigem análises apuradas para distinguir um do outro. Segundo Sérgio Lessa (2012) essa inseparabilidade dos elementos genéricos e particulares próprios da vida cotidiana não significa que eles tenham desaparecido enquanto tais, mas antes pelo contrário, essa característica da práxis cotidiana apenas contribui para o processo de particularização, que faz cada ato humano diferente de outros, mas sempre partícipes da mesma história, na medida em

que desdobram uma tensão entre generalidade e a particularidade. Tal tensão imediata entre os elementos genéricos e particulares cumpre a função ontológica de *mediação* que permite no âmbito da vida cotidiana que o indivíduo tenha que escolher entre as alternativas mais ou menos genéricas e/ou mais ou menos particulares.

Na convivência cotidiana com as tensões entre os elementos genéricos e particulares que surgem no processo histórico, a reprodução social exige que os indivíduos rementam a si próprios, como suas, as necessidades postas pelo desenvolvimento humano genérico. Este é o solo em que vão se constituir as necessidades concretas de complexos ideológicos importantes para a reprodução social, como os costumes, o direito, a ética, etc.⁵

Como vimos, as exteriorizações são momentos de retorno que podem evidenciar respostas que individualmente levem a consideração de valores mais genéricos ou valores mais particulares colocando cotidianamente os indivíduos diante de alternativas divergentes. Como afirma Lukács,

Na exteriorização expressa-se, por isso, a contraditoriedade interior de uma tal inseparável unidade de socialidade e individualidade do ser humano: a exteriorização que responde individualmente às questões postas pela sociedade pode guiar o ser humano — visto abstratamente — de igual modo a tornar-se-pessoal quanto despessoalizá-lo. Essa base contraditória determina o duplo caráter — individual-social — tanto da alienação quanto da possibilidade contraditório-dupla, de se lutar contra ela. (LUKÁCS, 2018, pag. 714)

Porém, esse caráter diversificado e contraditório do processo de exteriorização não significa que dele brotem naturalmente processos de alienação (*Entfremdung*) caracterizados por desenvolverem uma ação de retorno que acaba por criar obstáculos socialmente postos à plena explicitação da generalidade humana reproduzindo as desumanidades socialmente postas. Mas então que mediações permitem que as ações de retorno sobre o indivíduo que explicitam a auto-construção da personalidade e da generalidade humana possam se converter também em seu contrário, numa ação de retorno que reproduz a despessoalização e as desumanidades socialmente postas?

⁵ Cabe lembrar que ao influenciar na escolha das alternativas a cada momento postas pelo desenvolvimento social à ação de cada indivíduo, tais complexos ideológicos mediadores desempenham papel fundamental no desenvolvimento de cada individualidade e dessa forma direcionam o devir dos homens para realizações mais (ou menos) genéricas.

3. Reprodução social, complexos valorativos e alienações

A resposta a questão acima só pode começar a ser elaborada se levarmos em consideração o pressuposto de que as alienações (*Entfremdungs*) surgem e se desenvolvem na reprodução social, ou seja, para além do trabalho enquanto intercâmbio orgânico com a natureza. Por isso, na análise lukacsiana sobre o trabalho enquanto tal encontraremos, primeiramente, apenas alguns momentos nos quais, a partir da reprodução social, as alienações se conectarão ao trabalho e, em segundo lugar, os fundamentos últimos que embora não se referindo às alienações historicamente determinadas abrem a possibilidade ontológica de suas efetivações na história da humanidade, para só depois então tratarmos das formas histórico-concretas dos fenômenos da alienação humana.

No capítulo sobre o trabalho de sua ontologia Lukács (2018) conecta o fundamento das alienações em dois momentos: a) o insuperável caráter de contraditoriedade do devir-humano dos homens e b) os valores e processos valorativos.

Em sua análise Lukács começa pela questão dos valores. Não porque privilegie uma dimensão eticista ou moralista, como fizeram grandes expoentes da filosofia como Emmanuel Kant, mas pelo fato das alienações, como todo e qualquer fenômeno objetivo do ser social apenas poderem se reproduzir tendo por mediação atos singulares teleologicamente postos. E será pela esfera valorativa que as alienações encontrarão a mediação necessária para atuar nas escolhas e alternativas abertas para os indivíduos na cotidianidade.

Ao contrário de Max Weber para o qual os conflitos inconciliáveis são inelimináveis da vida civilizada, para Lukács os valores só existem na ação efetiva real da história e quando são incorporados às posições teleológicas que adentram os processos de objetivação. Em outras palavras, sem sua inserção na práxis e sem intervir no processo de escolha entre alternativas, parte fundamental de toda posição teleológica, os valores carecem de toda e qualquer existência social efetiva.

Em resumo, para Lukács o trabalho é a categoria fundante dos valores. Contudo, a realização efetiva dos valores não é determinada pela relação imediata entre práxis/valores, mas no processo de movimento histórico do ser social, ou seja, na esfera da reprodução social. Lembramos que para nosso autor, entre a categoria fundante que é

o trabalho e a totalidade social se interpõem uma malha complicada de relações categoriais que compõem a categoria da reprodução social. O desdobramento concreto do ser social em cada momento histórico tem por *locus* não o trabalho em si, mas sim a complexa síntese de atos singulares concretos, que é a reprodução social. Como nos esclarece e resume Lessa (2012, pag. 139), “[...] a construção social da particularidade de cada momento histórico é uma função que pertence à essência da categoria da reprodução, e não ao trabalho enquanto tal”.

Sendo assim, com o objetivo de elucidar a gênese dos valores em Lukács, o que agora nos interessa é o papel mediador fundamental entre a categoria do trabalho, que funda a possibilidade de alternativas concretas ao ser social e, por isso, também o fundamento ontológico dos valores, e a totalidade social realizada pela reprodução social. A dialética aqui está no fato de que sem trabalho os valores não existem, mas apenas pelo trabalho, os valores também não poderiam vir a ser processos valorativos concretos. É essa situação que permite Lessa (2012) explicar que para Lukács: 1) entre o fundamento ontológico dos valores e a gênese de cada um deles há uma diferença fundamental que reflete as distinções e conexões que, no plano do ser, articulam trabalho e reprodução social. E 2) se valores surgem espontaneamente na práxis social, mesmo que não se tenha consciência desse fato, não menos verdadeiro é que a forma dessa atuação e o conteúdo dos valores dependem diretamente da consciência que os homens têm de sua própria história, para sermos breves, do grau de desenvolvimento do ser-para-si do gênero. Sendo assim, haverá uma distinção entre valores e processos valorativos realizada não apenas pelo seu conteúdo formal, mas antes pela relação que eles desdobram com o processo reprodutivo enquanto todo. Para tornar mais claro essa distinção, o que particulariza os complexos valorativos é o fato de as alternativas, inerentes a cada pôr teleológico, apenas poderem vir a ser objetivadas se determinadas, de forma mais ou menos consciente, pelos valores. Contudo, a realização efetiva dos valores é determinada pela malha de possibilidades e alternativas reais abertas aos indivíduos de reagir perante à problematicidade do movimento histórico-social.

Para Lukács, então, os valores em sua objetividade histórica são parte orgânica do complexo, contraditório e desigual processo de desenvolvimento social global. Claro que uma análise mais exaustiva de tais ordens de questões, extremamente problemáticas

e complexas só teriam lugar no desenvolvimento de uma Ética, mas em sua Ontologia o filósofo não deixava de assinalar:

A objetividade dos valores se baseia, portanto, em que eles são componentes moventes e movidos do desenvolvimento social como um todo. Sua contraditoriedade, o inquestionável fato que com frequência estão em pronunciada opositividade para com sua base econômica bem como entre si, não é, deste modo, ao fim e ao cabo, nenhum relativismo de valor, como pensa Max Weber, e a impossibilidade de ordená-los em um sistema hierárquico-tabelar aponta ainda menos nesta direção. Sua existência, que opera na forma de um dever fático-socialmente obrigatório, ao qual pertence interna e necessariamente sua pluralidade, sua relação recíproca em uma escala da heterogeneidade à opositividade, de fato é racionalizável apenas *post festum*, contudo nisto se expressa precisamente a unitariedade plena de contradição, a desigual unitariedade do processo histórico-social no seu todo. (LUKÁCS, 2018, pag. 85 e 86)

Ao explicar esse trecho da obra do filósofo húngaro, Sérgio Lessa (2012) afirma que tal como ocorre com outras categorias sociais (que nada mais são do que formas de ser, determinações da existência) também no caso dos valores o processo de socialização é desigual e contraditório, e por meio dele, ao longo da história, as formas categoriais meramente existentes, *em-si*, se explicitam socialmente em formas muito mais complexas, mediadas, superiores, que encarnam crescentemente a consciência *para-si* do gênero humano. Em outras palavras, ao longo da história os valores evoluem de um primeiro momento *em-si* a um momento *para-si*, no qual, tanto os valores, como os problemas surgidos no devir humano dos homens se elevam à consciência cada vez mais em escala social.

Feito essa breve síntese sobre a gênese ontológica e o desenvolvimento histórico dos valores e dos complexos valorativos, a questão agora é explicitar como se desenvolvem as relações entre os valores e as formas de alienação humana. Já sabemos, que tanto os valores como as alienações têm seu locus de realização, para além da esfera específica do trabalho, na reprodução social. Para Lukács é na reprodução social que os valores podem ser portadores das alienações no contraditório processo de desenvolvimento social. A contraditoriedade do desenvolvimento social, além de estar na gênese dos valores, funda a possibilidade do desdobrar, na práxis social, da contradição entre valores mais genéricos e mais particulares⁶.

⁶ Cabe ressaltar que essa contradição entre valores genéricos e mais particulares fundada pela contradição entre desenvolvimento das capacidades humanas ao longo da história e o desenvolvimento das

De acordo com György Lukács, o progressivo “afastamento das barreiras naturais”⁷ proporcionado pela crescente divisão do trabalho e pelo desenvolvimento das capacidades humanas para o trabalho puseram ao homem, com muita frequência, múltiplas tarefas, fortemente heterogêneas entre si, cuja execução correta requer do indivíduo e, portanto, suscita nele, uma síntese de capacidades heterogêneas e uma gama de possibilidades e alternativas cada vez mais múltiplas e contraditórias. Para o filósofo húngaro, o tornar-se humano do homem, ou seja a tendência a autenticidade e a generalidade é, como processo global a mesma coisa do constituir-se do ser social enquanto espécie peculiar de ser.

Nas sociedades primitivas, no estado gregário da humanidade, o homem singular quase não se distingue da mera singularidade que está presente e operante em cada ponto da natureza inorgânica e orgânica. Mas, o salto que transforma o homem de ser natural em ser social, desde o início se impõe com intensidade e extensão sempre maiores, na relação do homem singular com os fatos gerais (com a totalidade dos complexos existentes e com as leis que caracterizam estes processos), obviamente em paralelo com o desenvolvimento.⁸ Nas palavras do próprio Lukács:

Diferente, no ser social. Já que aqui, em que não pode ser existente nenhuma analogia na natureza, trata-se crescentemente de um entorno autocriado dos singulares (os seres humanos singulares), que por isso constitui o ponto de partida de todo processo social uma posição teleológica, uma decisão alternativa, tem de alterar também a essência ontológica da necessidade operante em geral. A necessidade, cuja essência reconhecemos sempre como uma conexão “se-então”, faz-se sentir na natureza com um determinado automatismo no comportamento de objetos, relações, processos etc. que vêm em consideração. Isso se altera no ser social, em que a necessidade apenas pode se impor como causa de decisões alternativas, i.e., como Marx formula repetidamente, tem efeito como motivo de decisões “sob pena de ruína”. Esta nova estrutura não é superada através de que as

personalidades através de suas escolhas na práxis social cotidiana, já se fazia presente nas formas mais simples de sociabilidade humana e nas sociedades mais complexas ocorre sua completa explicitação.

⁷ Devemos sempre lembrar que para Lukács (2018, pag. 514) “[...] o afastamento — afastamento inexorável, mas jamais desaparecimento — da barreira natural é um traço essencial não apenas de todo o processo de reprodução da sociedade, mas inseparável também da vida individual. As suas expressões fundamentais, como os atos de nutrição e reprodução podem se socializar, causando alterações muito amplas, qualitativas; os motivos da socialização podem nele desempenhar um papel sempre mais dominante; seu solo biológico, contudo, jamais pode ser completamente abandonado.”

⁸ É sempre bom afirmar, que na natureza também existe diferença entre as leis do movimento das totalidades e os modos em que se movem as individualidades. Na natureza, porém, essas diferenças são caracterizadas pelas necessidades que apresentam uma recíproca unitariedade (entre indivíduos e totalidade social), sobre a qual os modos específicos de movimentos não influem em quase nada.

posições teleológicas sempre colocam em andamento cadeias causais que se impõem como necessidades análogas às dos processos naturais. Pois toda vez quando essas conexões causais entram em contato com as atividades humano-sociais, adentra a decisão alternativa, a necessidade “sob pena de ruína”, novamente como lhe cabe, desencadeando novamente por toda parte séries causais “naturais”. (LUKACS, 2018, pag. 512).

Ora, então temos que em razão da crescente divisão do trabalho seguida dos problemas e alternativas que esta põe ao homem singular porque “ele é essencialmente um ser que responde”, a mera singularidade do homem singular vai cada vez mais se movendo no sentido do desenvolvimento da personalidade – a partir de suas escolhas ao longo da vida e também neste caso possui também como fundamento uma necessária “pena de ruína” – terminam por alterar também as relações sócio-dinâmicas entre necessidade econômica, entre necessidade sócio-geral e o decurso dos processos de vida cada vez mais individuais.

Temos explicitada a contradição apontada por Lukács. Por um lado, quanto mais a barreira natural se afasta na troca orgânica da sociedade com a natureza, isto é, quanto mais sociais se tornam as próprias categorias econômicas (sem logicamente abandonar seu caráter biológico), tanto mais assume o caráter de um sistema de leis, de um “reino da necessidade” tornando-se cada vez mais independente da vontade, das aspirações, etc., dos homens singulares. Por outro lado, no plano individual onde as decisões alternativas singulares agem essencialmente sobre a vida dos indivíduos, intervêm também outras complexas conexões e determinações da práxis. Estas, mesmo não agindo de maneira diretamente determinante sobre os momentos necessários no plano econômico-social, – os atos dos indivíduos inseridos em tais contextos se apresentam apenas como momentos da singularidade no quadro das leis gerais – não são, contudo, indiferentes do ponto de vista histórico-social.

Portanto, adverte Lukács, para entender realmente o fenômeno da alienação, sem acréscimos e mascaramentos mitológicos, não se deve jamais perder de vista que a personalidade (ou seja, as escolhas que cada indivíduo realiza ao longo de sua vida), com toda a sua problemática é uma categoria social. E por ser uma categoria social é que permite a Karl Marx (2015) afirmar que a *educação (Bildung)* dos cinco sentidos é obra de toda história universal até agora. A descoberta dessa relação contraditória entre desenvolvimento das capacidades e desenvolvimento das personalidades faz com que

nosso filósofo possa desenvolver questões extremamente importantes para captar as determinações concretas das alienações humanas. Seguindo os passos de Lukács, ao contrário do que pensam as religiões e quase todas as filosofias idealistas o desenvolvimento do homem em direção a uma “generidade autêntica” não é resultado de um simples desenvolvimento das faculdades “superiores” dos homens (o pensamento, a moral, o conhecimento, etc.) em prejuízo da inferior sensibilidade humana, mas, ao invés, “[...] deve se manifestar no complexo como um todo do ser humano, portanto também — imediatamente mesmo: antes de tudo — em sua sensibilidade”. (LUKÁCS, 2018, pag. 514). Isso fica bem claro nesse trecho do texto lukacsiano:

Esse processo é, ao mesmo tempo, extensivo e intensivo, quantitativo e qualitativo. Por um lado, surgem necessidades satisfazíveis que, nos patamares iniciais, nem puderam ser existentes; por outro lado, necessidades indispensáveis à reprodução da vida recebem maneiras de satisfação que as elevam a um nível, em termos de vida, mais social, mais elevadas, mais afastadas dessa reprodução imediata da vida. Isso é particularmente visível na alimentação. Naturalmente, nas classes dominantes pode ter lugar uma grande elevação dessa maneira, a qual apenas está debilmente vinculada com a maneira geral de satisfação de necessidade na sociedade concernente, mas também insere na tendência histórica do desenvolvimento um movimento ascendente que, p. ex., eleva a fome operante apenas fisiologicamente a um apetite já tornado social. (LUKÁCS, 2018, pag. 516 e 517).

Mas sublinhemos novamente, essa tendência do desenvolvimento humano para uma “generidade autêntica” não é mais do que uma tendência que estará sempre relacionada à reprodução social, ou seja, diretamente ligada a síntese dos atos singulares e, por isso, também às possibilidades e alternativas entre uma malha de valores que conferem forma a uma dada personalidade (com visão de mundo), e que orientam (ou criam obstáculos) as alternativas em direção à generalidade humana.

A problemática maior está em que tal malha múltipla de valores que orientam as alternativas na práxis social sempre mantém uma relação com o desenvolvimento econômico, ou seja, elas sempre são orientadas por exigências específicas do processo de potencialização das capacidades humanas para transformar a natureza. Essa articulação com o desenvolvimento econômico é que faz com que os valores determinantes, que acabam se conservando no processo social são sempre (conscientemente ou não), imediatamente ou com várias mediações, interligados com as

exigências econômicas das sociedades. Assim, os valores que são cristalizados em uma sociedade mantêm sempre uma relação, imediata ou mais frequentemente através de várias mediações, com a esfera econômica de transformação da natureza.

Para nossa análise dos fundamentos das alienações em Lukács fundamental é se os valores objetivados em cada período histórico são portadores daquela “tendência a generidade autêntica” antes explicitada, ou se, pelo contrário, se constituem em momentos de afirmação de obstáculos socialmente postos à riqueza das personalidades e, posteriormente também, à explicitação do gênero humano. Como sintetiza Sérgio Lessa (2012) é nesse núcleo mais fundamental dos complexos valorativos que, segundo Lukács, se expressa a ação de retorno dos fenômenos da alienação sobre a práxis social: os valores que orientarão as escolhas a serem objetivadas serão portadores da “tendência à autenticidade” ou, pelo contrário, à valores que submetem os homens a “serviço de potências transcendententes”, sejam elas representadas por Deus ou pelo “Fetichismo da Mercadoria”, acabando por obstaculizar o pleno desenvolvimento das personalidades e o devir do gênero humano, convertendo-os em despersonalização e desumanidades socialmente postas.

4. Desenvolvimento social e as expressões históricas dos fenômenos da alienação

Como podemos perceber ao longo da exposição até agora, longe das filosofias que concebem o fenômeno da alienação como consequência imediata do desenvolvimento econômico ou como resultado de um processo puramente subjetivo (que se desenrola exclusivamente no interior do indivíduo), na ótica de György Lukács as alienações (sempre no plural⁹) são fenômenos portadores de historicidade e, como tal, assumem ao longo do processo histórico formas particulares de explicitação conforme as circunstâncias do momento ao qual correspondem. Essa característica

⁹ Sobre isso afirma Lukács (2018, pag. 528): “Se se quer avançar intelectualmente ao seu ser autêntico, deve-se alcançar o entendimento de que a alienação, como fenômeno real do ser social, apenas pode ser encontrada na forma da pluralidade. Com isso não são pensadas meramente as diferenças individuais desse fenômeno ontológico; todo conceito geral tem, como sua base de ser, uma tal diferenciação das singularidades individualmente diferentes. O modo pluralista de ser das alienações significa, todavia, muito além disso, complexos dinâmicos de alienação qualitativamente diferentes entre si e suas tentativas de ultrapassagem conscientes, subjetivas. Pois as alienações singulares existem em uma tão ampla independência ontológica entre si que há seguidamente seres humanos na sociedade que combatem as influências alienantes em um complexo de seu ser, enquanto, em outros complexos, aceitam sem resistência [...]”.

ineliminavelmente histórica faz da alienação um complexo em permanente relação com os demais complexos sociais (principalmente com os complexos ideológicos) e também com a totalidade social, tendo sempre como base uma determinada e também histórica base econômica.

De acordo com Norma Alcântara (2014), seguindo os passos da ontologia lukacsiana, a história dos homens é permeada por diferentes formas de alienações, desde aquelas provocadas por um nível pouco desenvolvido, até as que têm por base um inquestionável progresso objetivo das capacidades humanas. Se analisarmos, por exemplo, as alienações que brotam das sociedades primitivas veremos que não continham o mesmo caráter negativo daquelas originadas nas sociedades de classe. Certamente, as alienações derivadas do momento histórico primitivo, não contém em suas bases a contradição entre o inquestionável progresso objetivo e a deformação das personalidades humanas. Mas então como Lukács explica a relação existente entre a organização material e espiritual dessas comunidades primitivas com o surgimento das alienações mágicas e religiosas? Para responder a essa questão teremos que adentrar num terreno ainda pouco explorado pelos pesquisadores da Ontologia do ser social e por isso também ainda cheio de problemas não resolvidos e questões polêmicas: a crítica lukacsiana da religião e sua relação com a vida cotidiana.

Em seu capítulo sobre a alienação Lukács (2018) ao tratar das alienações religiosas afirma que basta lançarmos um olhar sobre a realidade histórica para percebermos que a religião é um fenômeno social universal. Segundo o autor, a questão religiosa é

“[...] um fenômeno social universal; inicialmente — e em muitos casos mesmo muito mais tarde — um sistema de regulação da vida social como um todo; que ela, antes de tudo, satisfaz a necessidade social de regular a vida cotidiana dos seres humanos e, de fato, em uma forma que é capaz, de algum modo, de exercer uma influência direta no modo de vida de todos os seres humanos singulares que entram em consideração” (LUKÁCS, 2018, pag. 570).

Ou seja, existe em cada religião uma certa tendência, e impulso necessário a exercer uma influência direta sobre a conduta cotidiana dos indivíduos em uma dada sociedade. Enquanto outras esferas ideológicas, que sempre visam influenciar os indivíduos na escolha de alternativas para dirimir conflitos sociais, têm por força das coisas a tendência (que é tanto mais forte quanto mais desenvolvida é a sociedade) a elaborar generalizações abstratas, pensemos, por exemplo, a evolução do direito ou da filosofia.

A religião, pelo contrário, caso queira cumprir com as suas funções sociais, não deve jamais elaborar generalizações que a façam perder o contato, muito frequentemente organizado de modo complexo, com os destinos específicos dos indivíduos enquanto indivíduos da vida cotidiana.

Torna-se sem dúvida evidente para nosso filósofo húngaro que tais efeitos sobre as individualidades podem ser alcançados somente quando as posições teleológicas que vão se realizando são baseadas sobre uma rica gama de experiências relativamente ao que na vida cotidiana o homem médio considera como verdadeiro, real, importante, etc. Essas formas concretas de experiências cotidianas devem suscitar nele tais ideias sobre a realidade do seu ambiente social, em resumo, em como foi construída a *ontologia da vida cotidiana* em um dado momento por tipos específicos de pessoas. A partir daí, nosso autor se dedica a explicar como na ontologia da vida cotidiana certas experiências suscitam no indivíduo ideias que são a base para a necessidade religiosa.

Nesse contexto, Lukács repete uma máxima bastante conhecida de seus escritos: *a relação imediata entre teoria e práxis é um aspecto fundamental da vida cotidiana*. Certamente, essa relação imediata entre teoria e práxis não se apresenta nos atos teóricos de preparação para aquelas formas de trabalho que ainda não se transformaram em rotina absoluta. Pois nestes, com efeito, se o indivíduo quer que o processo de trabalho seja conduzido com êxito ele deve necessariamente captar corretamente a verdadeira constituição objetiva dos meios, do objeto, etc. do trabalho, existente independentemente da consciência. Todavia, alerta Lukács (2018, pag. 573) “[...] a reflexão, dirigida à objetividade em si, sobre as possibilidades do ato de trabalho planejado abandona essa imediaticidade apenas em relação à respectiva finalidade concreta do trabalho.”. Ou seja, ela não pode, portanto, jamais subverter radicalmente a genérica conexão imediata entre teoria e práxis que se apresenta na cotidianidade. Até o momento histórico atual, apesar do desenvolvimento de toda uma série de ciências tornadas relativamente autônomas, esta estrutura imediata da vida cotidiana permanece invariável e funcionando até mesmo para os mais importantes cientistas.

Abstraindo as outras consequências da imediaticidade da vida cotidiana interessa-nos aqui examinar como de uma tal relação sujeito-objeto socialmente gerada no cotidiano, se desenvolve no outro pólo uma resposta dos indivíduos a uma tal realidade que, por sua vez, geram a imagem de um *motor transcendente* que age sobre todos os atos

individuais e coletivos, sobre todas as tendências e as situações que se têm na sociedade. Nesta relação joga um peso importante o papel do “acaso na história”, ou seja, o fato dos homens nunca serem capazes de realizar as suas posições teleológicas com uma informação exata sobre as forças que de fato entram em campo.

Nas posições teleológicas típicas do trabalho essa ignorância acerca do conjunto das determinações provoca, não só e nem sempre uma falência. Tais aspectos não conhecidos e não controlados podem, ao invés da ruína, em certas circunstâncias, levar a conclusões positivas, como por exemplo, um não intencional aperfeiçoamento do trabalho e de seu produto. Mas, diz Lukács, quando falamos da relação entre homens na vida cotidiana o efeito deste estado de coisas é ainda mais pleno de confusão e de aspectos incontroláveis. Em resumo,

[...] o ser humano do cotidiano apenas é capaz de conduzir sua vida em constante contato com outros seres humanos, e que o conhecimento humano, enquanto conhecimento da verdadeira qualidade do ser humano singular, enquanto previsão de suas ações imediatamente futuras, não pode se elevar jamais a um saber real etc. etc. A práxis cotidiana é, portanto, sempre cercada por um amplo círculo, impossível de ser completamente dominado, do irreconhecível. (LUKÁCS, 2018, pag. 574 e 575)

Na condição de imprevisibilidade das respostas na vida cotidiana é que se escondem os fundamentos últimos da alienação religiosa. E, com isso, Lukács conclui que apenas a conduta do homem que seja capaz de ir para além desta imediaticidade do particular pode operar contra a alienação na transcendência que se verifica em tal contexto. (LUKÁCS, 2018). Mas para que a imediaticidade da vida cotidiana conduza os homens a alienar suas potências num ser transcendente outras mediações também influenciam.

Para Lukács, é universalmente notório na história do devir-humano dos homens que a primeira categoria teórica que intervém no ato de tentativa de ordenar e dominar com o pensamento a realidade objetiva é a *analogia*. Mas para Lukács a analogia não é definitivamente um verdadeiro instrumento cognoscitivo, mas apenas uma maneira natural, ineliminável, de nós reagirmos a novos fenômenos, de inseri-los no sistema daqueles já conhecidos por nós. Diz ele:

Por isso a analogia, por último, de fato não é em geral um autêntico meio de conhecimento, antes a maneira natural, inerradicável, de reagir a novos fenômenos, de ordená-los no sistema do já reconhecido. Por isso ela está — sem possível controle prévio — no início do

processo de conhecimento da realidade; por isso é ela degradada, pelo desdobramento do pensamento científico, a um impulso subjetivo para as hipóteses — a serem verificadas independentemente dela. (LUKÁCS, 2018, pag. 575 e 576)

Então, temos que para Lukács, o pensamento cotidiano se apoia nas analogias mais variadas frente aos complexos de questões que se tornam importantes para a práxis social. Aquilo que na vida cotidiana nós costumamos definir como “conhecimento”, em geral não é outro processo que uma generalização analógica, mais ou menos arriscada ou cautelosa das nossas experiências empíricas passadas. Podemos daí refletir que torna-se cada vez mais evidente, através da análise lukacsiana, que um complexo tão fundamental para a existência humana como o trabalho tenha tido uma importância central na formação e na organização dos primeiros “silogismos analógicos” da cotidianidade. Seguindo a linha de raciocínio de Lukács, não é muito difícil imaginarmos que os primeiros homens que trabalhavam ao tentarem cotidianamente explicar a legalidade da realidade que os cercava realizarem uma analogia com o seu trabalho, explicando a natureza através de um criador transcendente. Dessa forma, para os homens em sua imediatividade o fato que as coisas, os processos, etc. tenham uma origem teleológica, implica a óbvia consequência – verdadeira no âmbito do trabalho, mas muito dúbia fora dele, onde é extraída por analogia – que todos os fatos, mesmo no âmbito da natureza como tal, sejam produzidos por uma intenção concreta. (LUKÁCS, 2018).

Para nosso filósofo, as primeiras tentativas de dominar esta transcendência, isto é, aquelas denominadas de *mágicas*, tiveram na própria base um comportamento de analogia desse tipo. Na sua estrutura abstrata e transcendente a *magia* possui muitas analogias com o trabalho e com o conhecimento primário e cotidiano que ajuda a executá-lo. Com a magia os homens primitivos tentavam colocar a seu serviço processos impessoais, que eles não conheciam, nem conseguiam explicar e eliminar ou pelo menos atenuar a periculosidade deles. Todavia, estes processos não podiam ser verificados e controlados materialmente, como aqueles realizados no trabalho. Por isso, explica Lukács.

[...] já que esses processos não podiam ser materialmente provados e controlados como os do próprio trabalho, tinham de neles adentrar sucedâneos conscientes (fórmulas mágicas, cerimônias etc.) e, sob circunstâncias, imitações miméticas daquelas ocorrências que se tentava dominar na prática (pinturas rupestres, danças etc.). (LUKÁCS, 2018, pag. 576).

Para Lukács, é significativo o fato que muitos destes métodos mágicos ficaram encrustados, nos primeiros processos de trabalho e que por muito tempo não foram eliminados e mesmo com o desenvolvimento social atual continuam a estar frequentemente presentes, mas agora somente na forma de superstições na vida cotidiana.

O interessante na análise de Lukács é que ao tratar sobre a transição da magia à religião, mesmo que esta tenha sido realizada de forma muito variada na história da humanidade, ela tem como essência o fato de que o homem se vê constringido a renunciar ao propósito de dominar diretamente os eventos naturais com meios mágicos, porque em determinado período do desenvolvimento histórico passa a explicar a realidade que o cerca – em analogia com o trabalho – como o resultado de potências transcendentais (deuses, demônios, semideuses, etc.) que produzem e criam a realidade com a sua vontade onipotente. Então, ainda mantendo a analogia com o trabalho, mas agregando a essa analogia os ganhos civilizatórios e sociabilizadores inerentes ao devir-humano dos homens passam a usar vários procedimentos que, ao contrário da magia não visam dominar as forças da natureza, mas sim tentar ganhar o favor dos Deuses (através de oferendas, sacrifícios, etc.) a fim de que eles, por seu lado, regulem o curso dos acontecimentos segundo os respectivos interesses humano-sociais. Como sublinha Lukács: “A analogia, com isso, segue a via da socialização..” (2018, pag. 577).

Como vimos na base da alienação religiosa existem em primeiro lugar as analogias com as experiências do trabalho. Mas, adverte Lukács, nesse processo contribuem outras determinações, as quais tornam possível a conclusão dessa forma de alienação tão universal e determinante. Nesse sentido, Lukács agrega como fundamento da alienação religiosa aquilo que costumamos chamar de *coisificação* ou *reificação*.

5. Duas formas de coisificação: a “reificação ingênua” e a “reificação autêntica”

Para analisar corretamente o tipo de reflexo do mundo baseado na reificação Lukács começa pelo exame da casualidade. Embora o desenvolvimento de uma consciência humano-social sempre mais vasta e aprofundada sobre os movimentos concretos da natureza impulse os homens a interpretarem os processos físico-químicos e

fisiológicos como o verdadeiro princípio que põe em movimento o ser natural, mas é evidente, segundo Lukács, que a existência desses processos não faz com que a natureza se apresente na sua aparência cotidiana como síntese dos processos descobertos pelo avanço científico, pelo contrário, a imediatez do cotidiano acaba por fazer desaparecer no dado imediato os fundamentais processos que fundam o ser natural.¹⁰

Lukács continua seu raciocínio ressaltando que se, por um lado, o processo de trabalho em parte torna utilizável e conhecido para o homem um processo natural, por outro lado também transforma uma coisa em uma outra coisa, também útil: por exemplo, transforma uma madeira em um machado. Dessa forma um aparente dualismo entre processo e coisa não muda em nada quando esses se tornam sociais. Ou seja, o trabalho apesar de transformar a natureza mantém esse processo sob a aparente forma de coisa.

Para Lukács, o ser-para-nós objetivo presente na causalidade posta pelo trabalho pode comprovar o seu ser somente no processo de reprodução econômica. Segundo Lukács, Marx apresenta essa dinâmica nos termos seguintes:

Se os meios de produção fazem valer, no processo de trabalho, seu caráter como produtos de trabalho passado, isso acontece por intermédio de seus defeitos (...) No produto bem elaborado, extinguiu-se a aquisição de suas propriedades úteis por intermédio do trabalho passado. Uma máquina que não serve no processo de trabalho é inútil. Além disso, sucumbe à força destruidora do metabolismo natural. O ferro enferruja, a madeira apodrece. (...) O trabalho vivo deve apoderar-se dessas coisas, despertá-las dentre os mortos, transformá-las de valores de uso apenas possíveis em valores de uso reais e efetivos. (MARX apud LUKÁCS, 2018, pag. 578).

Nessa citação de Marx fica claro para Lukács qual é a natureza deste *ser-para-nós* que nasce mediante o trabalho. De um lado, ele existe como componente de um complexo existente apenas quando o trabalho é bem-sucedido. (O produto de um trabalho que não foi realizado permanece natural, como um ser-para-nós natural, meramente pensado). De outro lado, o produto do trabalho que não é mais utilizado retrocede de novo a condição de ser natural. Ou seja, esse *ser-para-nós* como ser real é,

¹⁰ Ao explicar esse processo Lukács (2018, pag. 577 e 578) escreve: “Marx indicou corretamente o desenvolvimento da Terra como processo através da constatação da processualidade como primária na natureza. O que, contudo, não contradiz, de modo algum, que a Terra nesse processo, através de uma alteração permanente, variada, qualitativa, mantenha, na mudança, em sua objetividade uma determinada coisidade relativamente constante. E assim ocorre na natureza, até o último seixo.”

portanto uma categoria exclusiva do ser social. Dessa forma, explica nosso autor, que por sua indissolúvel ligação do *ser-para-nós* objetivamente existente com o seu determinado “*tornar-se-usado*” (eventualmente tornar-se consumido) no processo econômico, este ser social demonstra-se também ele uma reificação.

Isso quer dizer que, segundo Lukács, se determinados produtos do trabalho são usados apenas como *veículos de funções específicas para cada processo* o seu funcionamento tende a apresentar-se como reificados. E essa dinâmica se desdobra de modo tanto mais difuso e pronunciado, quanto mais evoluídas são as formas técnico-econômicas do trabalho em uma sociedade. Porém, cabe aqui um alerta feito por Lukács, isso não significa que devam entrar imediatamente em atividade forças que conduzem apenas à alienação. Nosso filósofo, explica: [...] Usa-se, p. ex., uma lâmpada elétrica acendendo ou apagando ao se pressionar um botão e, normalmente, não ocorre a ninguém sequer distantemente pensar que coloca em andamento ou fora de ação um processo. **O processo elétrico tornou-se uma coisa**, na moldura do ser cotidiano.”. (LUKÁCS, 2018, pag. 579).

Quanto mais evoluído for o desenvolvimento técnico-econômico mais a vida cotidiana torna-se plena de similares “reificações ingênuas”, espontâneas e muitas vezes inconscientes. E esse tipo de reação espontânea torna-se tão forte que também abarca os processos naturais, fazendo com que na “vida cotidiana seja uma norma o rio ser reificado tanto quanto o barco que navega sobre ele”. (LUKÁCS, 2018, pag. 579). Lukács aponta que essa postura reificadora do cotidiano que tende a *crystalizar processos em coisas* está presente em várias esferas do ser social atingindo complexos sociais como por exemplo o desenvolvimento da linguagem e seu uso cotidiano para dirimir conflitos. Diz ele “Essa postura prático-ideal frente à realidade é inevitável e o demonstra o fato que a linguagem – quanto mais multiforme é o seu uso como meio de comunicação social, tanto mais – exprime em forma reificada os processos.” (LUKÁCS, 2018, pag. 579).

Mas insistamos e sublinhamos mais uma vez uma questão fundamental: os processos descritos até o momento como “reificações ingênuas” não têm na sua essência qualquer relação direta com aqueles processos aos quais se tornam na cotidianidade um veículo importante das reificações que conduzem diretamente às alienações. Veremos agora como Lukács trata as chamadas “reificações autênticas” ou “reificações alienantes”.

Devemos primeiramente sublinhar dois pontos importantes. 1) de um lado, os comportamentos sociais em si “inocentes” ou “espôntaneos” do ponto de vista da reificação, quando penetram a fundo na vida cotidiana, reforçam a eficácia daqueles outros comportamentos que operam na direção das alienações; 2) de outro lado, os indivíduos são tão mais facilmente envolvidos, pelos impulsos à alienação quanto mais as suas relações de vida são percebidas por eles em termos cristalizados, reificados e não de modo espontaneamente processual. Segundo Lukács (2018), isto quer dizer que, apesar do processo histórico de desenvolvimento da civilização produzir continuamente novos conhecimentos sobre a natureza e a sociedade, quem pensa que esses conhecimentos por si só constituem as armas espirituais contra as alienações, inclusive religiosas, cai na mesma ilusão dos iluministas. De acordo com o autor, pode-se quase afirmar que acontece o contrário. Ou seja, como escreve Lukács, “[...] quanto mais a vida cotidiana dos seres humanos — ainda provisoriamente no sentido até agora indicado — cria formas de vida e situações de vida coisificadas, tanto mais facilmente os seres humanos da vida cotidiana tornam-se adaptados espiritualmente, sem resistência moral-espiritual, a »dadidades naturais«.”(LUKÁCS, 2018, pag. 580). Dessa forma, através desse traço constitutivo da vida cotidiana pode haver uma menor resistência frente às *reificações autênticas*. Mas tais “reificações autênticas” (ou “alienantes”) são produtos específicos de sociedades onde o mundo das mercadorias começa a dominar a vida cotidiana dos indivíduos.

Para Lukács, no desenvolvimento histórico-social existe um duplo movimento que ao mesmo tempo supera e repõe as formas de reificações: 1) de uma parte, o desenvolvimento extingue determinadas formas de auto-reificação, mas em geral, substituindo uma forma de reificação primitiva por outra mais refinada. Isto provoca não só uma elevação das forças produtivas (econômicas), mas também uma humanização e uma desumanização das auto-reificações. Nosso filósofo, pede para pensarmos como desenvolvimento histórico, ao mesmo tempo aumenta e diminui a crueldade, que nunca é dos animais, mas sempre humano-sociais. Para Lukács (2018) basta uma comparação superficial entre o potencial devastador e cruel de Gengis Khan¹¹

¹¹ Gengis Khan (1162 - 1227) Conquistador e imperador mongol, nascido com o nome de *Temudjin* nas proximidades do rio Onon, perto do lago Baikal. Segundo levantamento feito pela revista Mundo Estranho, ele foi o imperador que mais territórios conquistou na história, dominando quase 20 milhões de km² (o equivalente a 2,3 vezes do território brasileiro).

e Eichmann¹² para ilustrar suficientemente este duplo movimento simultâneo da história.

Só através da circulação das mercadorias enquanto forma material-espiritual de reprodução da sociedade humana, dada a natureza dessa dinâmica que se verifica por espontânea necessidade social, se desenvolve *a autêntica forma de reificação alienante*. Segundo Lukács, Marx em O Capital caracteriza a essência reificadora e alienante da mercadoria:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existentes à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. [...] É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (MARX, 2013, pag. 147).

De acordo com a análise lukacsiana aquilo que Marx nomeou como a nova forma “espectral” da objetividade do valor de troca que é a mercadoria cria através de um longo período histórico – em medida crescente com o desenvolvimento da economia – reificações sempre mais intensas, universais, que nas etapas mais evoluídas do capitalismo, se transformam diretamente em alienações, em auto-alienações. Para Lukács, a reificação descrita por Marx é bem específica e diz respeito ao processo segundo o qual, no plano ideológico, a circulação das mercadorias quando tomada pelo sujeito através de uma atitude acrítico-imediata conduz, com uma certa inevitabilidade, à auto-reificação do homem e dos processos de sua vida. Neste processo este tipo de *reificação alienante*, em contraste com a forma de *reificação ingênua*, adquire uma tendência interna a se converter diretamente em alienação.

Nunca é demais repetir que desde a compra e venda do escravo como *instrumento vocal* nas sociedades antigas até o desenvolvimento do capitalismo existe, por um lado, um claro progresso econômico-social que possibilitou a potenciação das capacidades humanas para o trabalho, mas, por outro lado, o desenvolvimento do capitalismo

¹² Adolf Otto Eichmann (1906 -1962) Político da Alemanha Nazista e tenente-coronel da SS. Foi responsabilizado pela logística de extermínio de milhões de pessoas no final da Segunda Guerra Mundial - chamada de "solução final" (*Endlösung*) - organizando a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido freqüentemente como o *executor-chefe* do Terceiro Reich.

espontaneamente fez com que para o trabalhador a sua força de trabalho se transforme em mercadoria, em valor de troca, no qual ele é constrangido a vender no mercado como uma mercadoria, uma coisa qualquer. Essa dialética ao passo que representou um fortalecimento gradativo das capacidades humanas possibilitou, por outro lado, o fortalecimento das reificações e alienações, os quais se transformam socialmente, cada vez mais, em auto-reificações e auto-alienações. O quão radical é este reificar-se dos processos, resulta da importância que o dinheiro assume gradativamente para a vida cotidiana do indivíduo e para a sociedade em geral.

Com o advento da sociabilidade burguesa a esfera de contradições atinge um patamar inédito na história. Nessas condições, como destaca Sérgio Lessa (2012), por um lado, os interesses privados/particulares do *bourgeois* são tomados como os interesses “reais” dos indivíduos. Por outro lado, os interesses genéricos são reduzidos à esfera abstrata do *citoyen*, da “cidadania” e na maior parte das vezes se apresentam aos indivíduos na cotidianidade como verdadeiros obstáculos ao desenvolvimento do indivíduo-mônada, do mesquinho proprietário privado burguês. Dessa forma, sob a sociedade capitalista, que universaliza a forma mercadoria, as forças produtivas, ao se desenvolverem não apenas produzem individualidades mais ricas, mas contraditoriamente, desencadeiam um processo de desumanização que se eleva a patamares jamais constatados em outros períodos da história. Como escreve Marx em Teorias da mais-valia, nesse contexto [...] o desenvolvimento mais alto da individualidade só se conquista por meio de um processo histórico em que os indivíduos são sacrificados.”(MARX apud LUKÁCS, 2018, pag. 503).

Sob o capitalismo, o trabalho é também ele transformado em mercadoria de tal forma que aquele processo que seria a manifestação da personalidade do trabalhador se converte para ele unicamente em meio para obter outra mercadoria para, com isso, garantir sua sobrevivência. Através do trabalho alienado, o trabalhador não se reconhece mas se nega continuamente, ao passo que só pode se conservar fisicamente na qualidade de operário e não na qualidade de pessoa que trabalha e produz a própria história.

No capitalismo o poder das alienações adquirem tal força que englobam e reificam os complexos ideológicos mais variados. Afinal, lembra Lukács (2018), o que significa, por exemplo, a salvação da alma para as religiões cristãs do que senão a reificação da culpa e da penitência, como um valor de troca espiritualizado?

De acordo com Lukács, qualquer alienação, por mais que a sua existência possa ser determinada pela economia, nunca é capaz de desenvolver-se totalmente sem a mediação das formas ideológicas.¹³ Porém, esta ineliminável mediação ideológica não significa que a alienação seja considerada, sob qualquer aspecto, um mero fenômeno ideológico. Para Lukács, quando um autor declara tal afirmação é sempre porque também não considera a base econômica objetiva daqueles processos que na aparência possuem um decurso puramente ideológico.

De acordo, com o filósofo húngaro, tais alienações típicas da sociedade capitalista e já tão bem explicitadas nos textos de Marx ao longo de sua trajetória intelectual vão adquirir ainda mais peso e intensidade sobre a vida cotidiana dos indivíduos no período histórico em que o capitalismo assumirá características tão alienadas e reificantes que Lukács passará a chamá-lo de “sociedade da manipulação”.

5. As expressões da alienação no capitalismo contemporâneo: Lukács e a “Sociedade da manipulação”

Antes de prosseguirmos torna-se importante para a análise adequada do fenômeno das alienações sublinhar novamente o duplo movimento existente nessa categoria. Por um lado, as alienações são produtos das leis econômicas objetivas de uma formação social, e, portanto somente a atividade objetiva – espontânea ou consciente – das forças sociais pode anulá-las. Por outro lado, a luta dos indivíduos para eliminar as próprias alienações pessoais não deve permanecer uma atividade individual socialmente irrelevante, pois em certas situações históricas ela pode ganhar uma importância tal que a sua – potencial – influência sobre o movimento de toda a sociedade pode em condições determinadas assumir um peso objetivo notável. E nessas condições as disputas ideológicas adquirem uma importância fundamental, tanto para a difusão e manutenção das alienações, como também para sua superação.¹⁴

Para Lukács o caráter essencialmente manipulatório do capitalismo atual nasceu da

¹³ Para o autor de Para uma Ontologia do ser social, o conceito de ideologia está ligado a determinação geral, segundo a qual ela é o instrumento social com cujo auxílio os homens combatem em conformidade com os próprios interesses os conflitos que nascem do contraditório desenvolvimento econômico. Para um aprofundamento dessa categoria no último Lukács ver: VAISMAN, Ester A ideologia e sua determinação ontológica. In: Verinotio Revista On-line, n. 12, Ano VI, out./2010.

¹⁴ Tal afirmação de Lukács mostra a importância fundamental das lutas contra a propagação de alienações ideológicas como o racismo, o machismo e a homofobia na atualidade.

necessidade inerente do capital, surgida principalmente depois da significativa diminuição da jornada de trabalho e do crescimento gradativo do tempo livre do trabalhador, de expandir a grande empresa capitalista a todo o setor do consumo e dos serviços. Tal tendência intensificada no momento histórico do pós-segunda guerra mundial irá influenciar a vida cotidiana da maior parte dos seres humanos de um modo nunca visto antes, direto, dirigente, ativo e mais intenso, como jamais foi possível nas formas econômicas precedentes.

Para as massas trabalhadoras do passado capitalista o consumo apresentava-se como uma forma de limitação de suas possibilidades de vida, contra a qual se viam obrigadas a lutar. Hoje, uma grande parte delas é dominada pela aspiração a elevar sempre mais um nível de vida que no fim das contas é valorizado positivamente. À primeira vista, o imediato interesse econômico do capitalismo em relação aos campos por este dominados pelo consumo e pelos serviços parece limitar-se ao aumento do comércio e portanto do lucro. No entanto, afirma Lukács, tal interesse imediato pôs em movimento um aparato que não se contenta mais somente em elogiar objetivamente as mercadorias, mas submete os consumidores a uma pressão moral cada vez mais intensa.

Segundo o filósofo húngaro, no capitalismo atual, o consumo vai transformando-se sempre mais, em uma questão de prestígio, de “imagem”, que o indivíduo adquire ou conserva por causa daquilo que ele usa para o próprio consumo. Tais características substituem velhas formas de alienação capitalista por novos fenômenos de alienação.

Para Lukács o ambiente sócio-cultural instaurado pela “sociedade da manipulação” surgiu pela primeira vez como possibilidade histórica com a escalada de Adolf Hitler na Alemanha. No livro *A destruição da razão*¹⁵ (escrito durante a segunda guerra mundial e finalizado em 1952) Lukács já havia procurado mostrar como aquilo que é definido como a *concepção de mundo do hitlerismo* foi o produto gradualmente maturado de um secular desenvolvimento reacionário verificado no plano social e espiritual. Tal visão de mundo adquiriu força de urgência política, quando o impulso da reação, sobretudo alemã, convergiu com os interesses do imperialismo. A partir daí, o hitlerismo se tornou ideologia no sentido literal do termo (isto é, meio para lutar em um conflito sócio-econômico vital para esta formação) quando se conseguiu dar às estruturas do pensamento explicitamente reacionárias a aparência de uma transformação

¹⁵ LUKÁCS, Georg. *A Destruição da Razão*. São Paulo: Coletivo Veredas, 2020.

revolucionária.

Elucidativamente Lukács indica que o nazismo de Hitler não apenas conseguiu superar a grave crise alemã, mas entre seus projetos sociais mais importantes figurava uma questão que se tornará fundamental para a manipulação capitalista a partir daí: *modelar o tempo livre dos trabalhadores de modo a adequá-lo ao sistema*. Seguindo essa lógica é que Hitler fala de uma natureza manipulável das massas, exprimindo assim, tanto a própria vontade de dar a elas uma forma correspondente aos seus propósitos, quanto o seu convencimento que elas estejam acostumadas a serem modeladas. Sendo assim, de acordo com Lukács, Hitler não simplesmente restaurou o domínio do anterior capitalismo imperialista dos monopólios, mas também deu-lhe alguns traços novos e importantes, mas que só poderiam desenvolver-se plenamente através da grande nação imperialista: os Estados Unidos após a segunda guerra mundial. Assim, é que Lukács conclui que Hitler ao desenvolver uma forma de *manipulação brutal* abriu o caminho para a forma de *manipulação sofisticada* que se desenvolverá a partir do pós-segunda guerra mundial e hoje alcançará níveis inimagináveis pelo filósofo húngaro com a difusão de novas ferramentas para o controle do tempo livre dos trabalhadores (como as tecnologias da informação e a inteligência artificial agora aplicadas à propaganda) que incrementam a cada década do século XXI uma potência manipulatória cada vez mais robusta e ampla nas mais diversas esferas da vida social difundindo o mais baixo grau da particularidade como limite para o desenvolvimento humano-social.

Como ressaltamos algumas vezes ao influenciar na escolha das alternativas a cada momento postas pelo desenvolvimento social à ação de cada indivíduo, os complexos ideológicos mediadores desempenham papel fundamental no desenvolvimento de cada individualidade e dessa forma direcionam o devir dos homens para realizações mais genéricas ou ações que permanecem no estreito limite da particularidade burguesa. Dessa forma se aproveitando do fato histórico-concreto de que os homens podem frequentemente se ocupar “com paixão” de muitas coisas irrelevantes, a moderna manipulação se ocupa – e freqüentemente com grande eficácia – de alimentar as características mais mesquinhas e os instintos mais egoístas que estimulam de forma intensiva e cotidiana o grau mais baixo de particularidade dos indivíduos.¹⁶

¹⁶Como escreve Lukács: “É, para essa transição espiritual, consideravelmente característico que o próprio

Pelo próprio limite desse breve artigo não conseguimos esgotar aqui toda as ricas contribuições oferecidas na análise de Lukács sobre as consequências das modernas formas de alienações. Porém, as indicações oferecidas ao longo do texto sobre a atualidade do capitalismo e suas formas renovadas de alienações, mesmo que bastante gerais, mostram que as vigentes manipulações econômicas, sociais, ideológicas, são instrumentos mais ou menos conscientes para acorrentar o homem à sua particularidade e, portanto ao seu estado alienado e, ao mesmo tempo, impedir o surgimento das potencialidades que tendem à construção do para-si da generidade humana.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Maria Norma. *Lukács: Ontologia e Alienação*. São Paulo: Instituto Lukács, 2014

LESSA, Sérgio. *O Mundo dos Homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LUKÁCS, György. *Para uma Ontologia do Ser Social*. Volume 14, Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

_____. *A Destruição da Razão*. São Paulo: Coletivo Veredas, 2020.

MARX, Karl. *Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

TERTULIAN, Nicolas. *Uma Apresentação à Ontologia do Ser Social, de Lukács*. Tradução de Ivo Tonet. In: *Revista Crítica Marxista* n. 3, 1996.

VAISMAN, Ester *A ideologia e sua determinação ontológica*. In: *Verintio Revista On-line*, n. 12, Ano VI, out./2010.

Hitler, em sua principal obra programática, ilustra sua própria propaganda política com um modelo de uma eficaz propaganda de sabão. Ainda mais característico é que tão logo a crise aguda foi razoavelmente superada, converteu-se em uma importante questão social o tempo livre organizado em correspondência com o sistema. Hitler, portanto, não trouxe simplesmente de novo ao poder o capitalismo monopolista precedente, ele estampou nele ainda alguns novos e importantes traços que apenas puderam alcançar seu verdadeiro desdobramento nos EUA após a Segunda Guerra Mundial.” (LUKÁCS, 2018, pag. 693 e 694).